

Correio Braziliense - DF
25.04.2013 - 07:40hs

Pensando a América Latina com Raúl Prebisch

A crise da dívida dos anos 1980 rompeu esse padrão de crescimento, gerando uma estagnação do desenvolvimento e regredindo os avanços obtidos no mercado de trabalho e na pobreza

Alícia Bárcena e Antonio Prado*

“Antes de pensar, observe”, recomendava Raúl Prebisch em uma de suas frases mais emblemáticas. É um desafio aos intérpretes da América Latina de seu tempo e que tem grande validade para os problemas atuais de nossa região. Até a crise dos anos 1930, o paradigma do pensamento liberal dominava corações e mentes dos formuladores e gestores de políticas econômicas latino-americanas.

O protagonismo do Estado desde então até os anos 1970, com raízes no pensamento keynesiano e de Prebisch, orientou o desenvolvimento na América Latina, por meio do impulso à diversificação produtiva, à industrialização e, em alguns casos, à construção de um mercado de trabalho organizado e ao emprego com direitos. Mas deve-se lembrar que a preocupação de Prebisch e da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal) com a distribuição da renda, com as reformas do sistema fiscal, da educação e da concentração agrária, muitas vezes não encontrou eco nas políticas adotadas na região. Esses temas permaneceram como desafios pendentes.

A crise da dívida dos anos 1980 rompeu esse padrão de crescimento, gerando uma estagnação do desenvolvimento e regredindo os avanços obtidos no mercado de trabalho e na pobreza. De fato, o PIB per capita só retorna aos níveis prévios à crise, 15 anos depois e as taxas de pobreza, 25 anos depois.

As políticas de ajuste estrutural dos anos 1980 e 1990, baseadas no ressurgimento político do pensamento liberal, trazem uma nova ordem à América Latina, com o dólar como âncora monetária, com a abertura comercial e financeira e com a redução do papel do Estado na economia. Essa internacionalização implicou no desarme dos instrumentos de proteção das economias da região contra as crises internacionais.

Se a moeda está ancorada no dólar e os fluxos de capitais são livres, a política monetária não tem graus de liberdade. Ademais, se a regra nessa ordem é o ajuste fiscal, não há nenhum amortecedor da transmissão dos choques externos na economia interna. O crescimento pífio e a regressão social que avança dos anos 1980 aos 1990 estão vinculados a essa armadilha neoliberal.

Essa vulnerabilidade externa intrínseca das economias latino-americanas é um tema que foi muito caro a Prebisch, que a identificava como um dos nossos principais problemas. Em resumo, a sua visão era a de que a propensão a importar da região devido aos aumentos na renda interna é maior que a propensão a exportar por incrementos na renda mundial. Assim, surge a semente do desequilíbrio no balanço de pagamentos e somente a nossa industrialização poderá mudar essa trajetória.

Esse comportamento da propensão a importar decorre da cópia dos padrões de consumo dos países industrializados e da não produção de tecnologias próprias de processos, ou seja, quando a renda interna cresce, aumentam as importações de bens de consumo e de bens de capitais.

Prebisch foi um pioneiro em perceber a importância das assimetrias tecnológicas entre países, e como isso afetava as suas estruturas produtivas, impactando a balança comercial e o crescimento. Essa relação estrutura produtiva-tecnologia-crescimento, que é amplamente discutida na literatura atual, foi preocupação central de

seu trabalho.

Hoje, com os preços das commodities muito acima da média histórica, há muitos que defendem, com base nos paradigmas do pensamento das universidades anglo-saxônicas, o conceito de vantagens comparativas estáticas, no qual é melhor a região explorar suas vantagens na produção de matérias-primas e commodities, do que criar uma estrutura produtiva mais diversificada e com capacidade tecnológica de participar em mercados mais dinâmicos e absorvedores de inovações de produtos e processos. Em nossa visão cepalina, isso é um erro, pois o grande motor da concorrência internacional é a geração de assimetrias por meio das inovações de produtos, de processos, de insumos e suas fontes e de novos mercados.

Nosso desafio está na construção de uma nova governança de recursos naturais que possa financiar uma mudança estrutural produtiva e ampliar a diversificação econômica e a capacidade de inovação. Isso já estava na visão de Prebisch, que nunca deixou de considerar a importância do setor primário na geração de excedentes para construir economias com menor heterogeneidade estrutural e tratar o problema da desigualdade em suas raízes fundamentais.

*Secretária executiva da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (Cepal);
Secretário executivo adjunto da Cepal.